



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

FRANCISCA ANDRELINA FREITAS DE SOUSA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO
BIBLIOGRÁFICO.**

FORTALEZA
2022

FRANCISCA ANDRELINA FREITAS DE SOUSA

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO
BIBLIOGRÁFICO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Barbosa.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S696p Sousa, Francisca Andreлина Freitas de.
O processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade : um estudo bibliográfico / Francisca Andreлина Freitas de Sousa. – 2022.
44 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Maria José Barbosa.

1. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. 2. alfabetização. 3. práticas inclusivas. I. Título.

FRANCISCA ANDRELINA FREITAS DE SOUSA

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO
BIBLIOGRÁFICO.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria José Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Vanessa Campos de Lara Jakimiu
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Antonio e Francisca.

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente a Deus, pois só Ele sabe o quão foi difícil chegar até aqui, e sem sua presença em minha vida e a força que me deu todos os dias jamais seria possível alcançar essa conquista.

Ao meu pai Antonio Bandeira de Sousa e à minha mãe Francisca Maria Freitas de Sousa, por sempre acreditarem em mim e estarem dispostos a me ajudar em todos os momentos que precisei, vocês são inspiração na minha vida, foi por vocês que muitas vezes não desisti, muito obrigada por me fazerem sentir capaz e por todo amor e apoio que me deram na realização desse sonho.

À minha irmã Antonia Evaniza Freitas de Sousa, por sempre me animar durante a trajetória desse curso, demonstrando seu carinho e amor por mim, sua dedicação nos estudos sempre foram exemplos para mim.

À minha grande amiga Ana Carolina Jardim da Silva, por todo apoio e amizade.

À minha orientadora, professora Maria José Barbosa, por sempre me apoiar nos momentos de ansiedade com carinho e compreensão, e pelas valiosas contribuições na escrita desse TCC.

Aos professores da Faculdade de Educação por toda contribuição na minha formação, cada disciplina e vivência foram de extrema importância para mim.

Ao meu sobrinho Antonio Samuel de Sousa Gonçalves, que ainda não entende sua importância, mas é luz em minha vida e me motivou a querer alcançar esse sonho, quero através dele ser inspiração para que você acredite e busque realizar os seus.

Ao meu noivo Francisco Herlon Costa de Freitas, você foi meu alicerce durante a escrita desse TCC, sem seu apoio eu não conseguiria, obrigada por acreditar em mim e sempre me animar, por todo amor e carinho, por não sair do meu lado e me fazer acreditar em mim mesma, te amo com todo meu coração.

Ao professor Marcos Teodorico Pinheiro de Almeida coordenador do programa de extensão CELULA, o qual tive o prazer de fazer parte por um ano como bolsista, por todo aprendizado, carinho e conhecimento compartilhado.

Por último agradeço a cada amigo e colega que fiz durante essa jornada, em especial a Raiany Maria de Sousa Moura, a universidade me proporcionou experiências únicas que vão além da formação dentro das salas de aula, e levo para sempre em meu coração cada uma delas, como também cada um de vocês.

RESUMO

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade acomete muitas crianças nas fases de desenvolvimento, sendo cada vez mais frequente nas escolas. As características comportamentais deste transtorno tendem a resultar em dificuldades na aprendizagem de crianças com TDAH, sabendo disso, o presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, dado que a alfabetização e o letramento tratam-se de processos complexos de aprendizagem, de suma importância no decorrer de toda a vida. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa teve como base teórica Teixeira (2019), Fitó (2012), Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012), além do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 (2014) para apresentar as principais características do transtorno, em Magda Soares (2021, 2022), Costa Val (2006), dentre outros autores para descrever o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, e teóricos da neurociência cognitiva como Cosenza e Guerra (2011) e Amaral e Guerra (2020) para apresentar as características das funções superiores requeridas na alfabetização e sua influência na aprendizagem. Adotamos para essa pesquisa a metodologia bibliográfica e documental (SEVERINO, 2013), sendo feito levantamento de dados a partir de livros, artigos e documentos que abordam a temática. Partindo disso observou-se nos resultados alcançados a importância de práticas inclusivas e do papel do professor na alfabetização e letramento de crianças com TDAH, além da necessidade de mais estudos sobre TDAH na formação dos professores, não só na formação continuada, mas também sua inclusão na formação inicial.

Palavras-chave: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; alfabetização; práticas inclusivas.

ABSTRACT

The Attention Deficit Hyperactivity Disorder is a disorder that affects many children in the developmental stages, being increasingly common in schools. The behavioral characteristics of this disorder tend to result in learning difficulties in children with ADHD. This study aims to understand the literacy process of children with ADHD, since literacy are complex learning processes, which are of utmost importance throughout life. To achieve this goal, the research had as theoretical basis Teixeira (2019), Fitó (2012), Muszkat, Miranda and Rizzutti (2012), in addition to the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5 (2014) to present the main characteristics of the disorder, in Magda Soares (2022, 2021), Costa Val (2006), among other authors to describe the learning process of reading and writing, and theorists of cognitive neuroscience such as Cosenza and Guerra (2011) and Amaral and Guerra (2020) to present the characteristics of the higher functions required in literacy and its influence on learning. The bibliographic and documentary methodology (SEVERINO, 2013) was adopted for this research, with data collection from books, articles and documents that address the topic. Based on this, it was observed in the results achieved the importance of inclusive practices and the role of the teacher in literacy of children with ADHD, in addition to the need for more studies on ADHD in teacher training, not only in continuing education, but also its inclusion in initial training.

Keywords: Attention Deficit Hyperactivity Disorder; literacy; inclusive practices.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: definição e caracterização	12
2.2	O processo de aprendizagem da leitura e da escrita	15
2.3	Funções superiores requeridas na alfabetização: atenção, memória, linguagem	22
2.3.1	Atenção	23
2.3.2	Memória.....	25
2.3.3	Linguagem	27
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	Metodologia selecionada e passos para coleta de dados	29
3.2	Os procedimentos para análise dos dados	30
4 A	A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TDAH.....	32
4.1	A aprendizagem de crianças com TDAH e o processo de alfabetização e letramento.....	32
4.2	Práticas Inclusivas na sala de aula comum.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa está centrado no estudo sobre o processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. Este transtorno é tido como neurobiológico que se manifesta no comportamento dos sujeitos e, na idade escolar muitas vezes resulta em dificuldades de aprendizagem e problemas no rendimento escolar para as crianças. Dado ao comportamento inquieto, com dificuldade de concentração e organização, e por vezes até na memória do trabalho, que é um tipo de memória de curto prazo muito importante para “o raciocínio, a reflexão, a compreensão de demandas do ambiente” (FITÓ, 2012, p. 75).

Sabendo que tais manifestações de comportamento podem resultar em dificuldades de aprendizagem, nos questionamos como esse transtorno pode afetar no desenvolvimento do aprendizado da leitura e escrita, duas das práticas sociais mais necessárias para sermos agentes ativos e transformadores na sociedade. A alfabetização, processo de apropriação do sistema de escrita que nos possibilita ler e escrever, e o letramento, práticas sociais de leitura e de escrita, são aprendizados fundamentais para todas as pessoas, pois fazemos parte de uma sociedade letrada e precisaremos dele ao longo de toda nossa vida.

Para a escolha dessa temática, pensamos na importância desse aprendizado e sobre as especificidades de aprendizagem de cada criança. Considerando também o fator de ser cada vez mais presente nas escolas crianças com tais transtornos, apesar de muitas vezes não diagnosticadas, e de como as manifestações deste, como dito anteriormente, acabam conseqüentemente, comprometendo a aprendizagem.

Além do interesse acadêmico e profissional decorrentes da vivência com crianças que possuem manifestações de TDAH bem pronunciadas já na Educação Infantil, minha relação pessoal com pessoas muito próximas, sendo uma criança com TDAH e um adulto com TDA, também foram fatores determinantes para querer me aprofundar na temática, pois enxergo a relevância do tema pelo olhar profissional e pelo olhar familiar.

Diante desses fatores, essa pesquisa justifica-se sendo um tema que muitos professores têm pouco conhecimento, dado que não se trata de um tema estudado em nossa formação inicial, e o desconhecimento deste prejudica o

desenvolvimento da aprendizagem das crianças com TDAH, tornando necessário assim investigar como ocorre o processo de alfabetização e letramento dessas crianças, levando em conta também que uma das principais características desse transtorno é o déficit de atenção, e a atenção é uma das funções superiores mais requeridas na alfabetização das crianças.

Neste sentido, o estudo desse objeto ajudará a responder as seguintes questões: Como se dá o processo de aquisição da aprendizagem da leitura e da escrita? Que funções superiores são requeridas na alfabetização, e como isso afeta o aprendizado de crianças com TDAH? Quais práticas inclusivas existentes na sala de aula comum contribuem na alfabetização de crianças com TDAH?

O objetivo geral dessa pesquisa é: compreender o processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. E, como objetivos específicos: conceituar e caracterizar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH; descrever como se dá o processo de aquisição da aprendizagem da leitura e da escrita; exemplificar as funções superiores que são requeridas na alfabetização; e refletir sobre as práticas inclusivas na sala de aula comum e sua contribuição na alfabetização e letramento de crianças com TDAH.

Como base teórica, para subsidiar o objeto de investigação e alcançar os objetivos propostos nesse trabalho, buscamos referências em documentos como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5, e nos estudos já consolidados sobre Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade de: Teixeira (2019), Fitó (2012), Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012), sobre alfabetização e letramento de: Magda Soares (2021, 2022), Costa Val (2006), entre outros, e sobre as funções superiores requeridas na alfabetização, de teóricos da neurociência cognitiva como Cosenza e Guerra (2011) e Amaral e Guerra (2020), entre outros.

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa iremos adotar como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, com levantamento de dados sobre TDAH, alfabetização e letramento, e funções superiores, a partir de livros, artigos e documentos que abordam a temática.

Com a finalidade de compreender o processo de alfabetização e letramento de crianças com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, organizamos a monografia em três capítulos e a introdução, onde damos uma visão geral do trabalho.

O capítulo referente ao referencial teórico tem como foco abordar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o processo de

alfabetização e letramento e as funções superiores requeridas na alfabetização: atenção, memória, linguagem.

No terceiro capítulo fazemos a descrição da metodologia adotada na pesquisa, que se desenvolveu de forma bibliográfica e documental, no capítulo seguinte analisamos a partir dos estudos realizados como ocorre a aprendizagem das crianças com TDAH e apresentamos estratégias inclusivas para a alfabetização destas crianças.

A relevância dessa pesquisa está no aporte teórico que ela tem e nos resultados que poderá agregar nos estudos de professores alfabetizadores, ela também terá importância para a comunidade acadêmica por trazer à tona um tema de grande importância que é a alfabetização de crianças com TDAH servindo como base de pesquisa e de apoio a pais que podem querer conhecer mais sobre o processo de alfabetização de seus filhos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os tópicos apresentados a seguir buscam apresentar de forma argumentativa os conceitos estudados, com o objetivo de discorrer para os leitores acerca das temáticas principais da pesquisa. A discussão desses conceitos torna-se necessária para esclarecer a importância do aprofundamento dos estudos sobre a alfabetização de crianças com TDAH.

2.1 O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: definição e caracterização

Falando especificamente sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, como dito no início dessa pesquisa, trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento. Mas o que seria um transtorno do neurodesenvolvimento? Trazemos aqui algumas definições a título de esclarecimentos para o leitor o que é e o porquê de o TDAH encontrar-se classificado nesse grupo. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5:

Os transtornos do neurodesenvolvimento são um grupo de condições com início no período do desenvolvimento. Os transtornos tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento que acarretam prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência (DSM-5, 2014, p. 31).

Portanto, como o nome sugere, trata-se de transtornos que iniciam no período do desenvolvimento, caracterizados por déficits que ocasionam prejuízos na vida dos acometidos por eles, assim como o TDAH, o qual de acordo com Teixeira (2019, p. 20) “os sintomas são responsáveis por muitos prejuízos na vida escolar dos jovens acometidos, além de problemas de relacionamento social e ocupacional.”

Uma definição muito parecida para tais transtornos encontramos ao ler a CID-11 (2022), que afirma que “são distúrbios comportamentais e cognitivos que surgem durante o período de desenvolvimento e envolvem dificuldades significativas na aquisição e execução de funções específicas intelectuais, motoras, de linguagem ou sociais.”. O TDAH é classificado como um dos distúrbios do neurodesenvolvimento segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da Organização Mundial

da Saúde (OMS), assim como pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2014).

É um transtorno neurobiológico que apesar de não ser um transtorno específico de aprendizagem, afeta diretamente no processo de aprendizagem das crianças, por influenciar justamente no comportamento destas, como muito bem esclarecido por Fitó (2012, p. 49) ao definir o conceito de TDAH, “é um transtorno neurobiológico que faz com que a criança tenha dificuldade de aprender a controlar o próprio comportamento.”, e também, por apresentar suas características principalmente no início dos anos escolares, por volta dos seis anos das crianças:

[...] um transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento (DSM-5, 2014, p. 32).

O TDAH se apresenta a partir de manifestações que podem ser observadas em qualquer ambiente social, como por exemplo em casa ou na escola. Crianças com esse transtorno são, segundo DSM-5 (2014, p. 61), em geral muito desatentas, vistas como o termo popular por “avoadas”, que não conseguem se concentrar ou prestar atenção por muito tempo em um determinado conteúdo, conversas ou até brincadeiras. Elas podem também serem muito agitadas, uma criança que não consegue ficar sentada por muito tempo, que a todo momento corre pela sala, são casos que merecem investigação, pois podem ser diagnosticados como sinais de hiperatividade. Além de também serem por vezes impulsivas, como por exemplo falarem muito ou interromper as conversas dos adultos, essa impulsividade segundo Teixeira (2019, p. 21), resulta em crianças que se irritam facilmente e acabam por se envolver muito em atritos. Essas características podem ser observadas em uma mesma criança ou separadamente em crianças diferentes, pois o TDAH pode se apresentar como predominantemente desatento, predominantemente hiperativo, ou combinado desatento-hiperativo.

Vale destacar que é natural crianças apresentarem essas características aqui citadas, o que vai definir se essa criança é uma criança com o transtorno é a idade e seu nível de desenvolvimento não compreensível, como dito por Fitó (2012,

p. 50) “é natural que uma criança de dois ou três anos não consiga ficar muito tempo sentada em uma cadeira, que se irrite diante de qualquer contrariedade ou que não consiga manter de maneira prolongada a atenção em algo.”, porém as crianças vão adquirindo essa capacidade de auto controle com os anos, com a ajuda de padrões comportamentais que são desenvolvidos pela família, escola e outros grupos sociais que ela frequente. A criança com TDAH por outro lado não acontece da mesma forma, persistindo comportamentos de idade inferiores a que se encontram.

Como já mencionado, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade pode ser classificado, de acordo com os critérios de diagnóstico do DSM-5, em três subtipos: apresentação combinada, em que apresenta características suficientes em ambos critérios diagnósticos, sendo A1 para desatenção e A2 para hiperatividade-impulsividade; apresentação predominantemente desatento, nesse subtipo o critério A1 é preenchido, enquanto que o critério A2 não é nos últimos 6 meses; e apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva, quando o critério A2 é preenchido e o critério A1 não é preenchido nos últimos 6 meses.

Para melhor compreensão desses critérios aqui mencionados, achamos interessante trazer na tabela abaixo os critérios diagnósticos A1 e A2 do DSM-5, a fim de melhor esclarecer as características apresentadas por crianças com TDAH.

Quadro 1 – Critérios Diagnósticos: Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade.

<p>A. Um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento e no desenvolvimento, conforme caracterizado por (1) e/ou (2):</p>
<p>A1. Desatenção: a. Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades.; b. Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas.; c. Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente.; d. Frequentemente não segue instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho.; e. Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.; f. Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado.; g. Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades.; h. Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos.; i. Com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas.</p>
<p>A2. Hiperatividade e impulsividade: a. Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira.; b. Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado.; c. Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado.; d. Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente.; e. Com frequência “não para”, agindo como se estivesse “com o motor ligado”.; f. Frequentemente fala demais.; g. Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída.; h. Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez.; i. Frequentemente interrompe ou se intromete.</p>

Fonte: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (2014, p. 59-60). Organizado pela autora.

Com base na leitura dos dados apresentados na tabela é possível observarmos que tais características podem ter como consequência um impacto negativo na aprendizagem das crianças que possuem esse transtorno, pois são manifestações que a criança não consegue controlar, principalmente quando não diagnosticadas. Então, conseqüentemente e frequentemente, crianças com TDAH tornam-se crianças que desenvolvem dificuldades de aprendizagem.

Assim como destacado no DSM-5 (2014, p. 61), “mesmo na ausência de um transtorno específico da aprendizagem, o desempenho acadêmico ou profissional costuma estar prejudicado”. Vale ressaltar que para tal diagnóstico é preciso que a criança apresente seis ou mais dos sintomas aqui listados em A1 ou A2 e que estes persistam por pelo menos seis meses em grau incoerente com o nível de desenvolvimento, e que os impactos negativos nas atividades sociais e escolares decorrentes dos sintomas também fazem parte dos critérios de diagnóstico de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014, p. 59-60).

Essas dificuldades podem ser apresentadas em todos os campos do conhecimento, mas principalmente em aprendizagens que demandam maior atenção e concentração como o aprendizado da leitura e da escrita, como bem destaca Fitó:

Qualquer matéria escolar pressupõe um grande esforço para os alunos com TDAH, sobretudo quando está baseada na linguagem, já que a organização dos conteúdos em um texto escrito, a soletração e a compreensão da leitura dificultam o processamento da informação. (FITÓ, 2012, p. 77)

Sabendo dessa maior tendência de dificuldade de aprendizagem relacionada a linguagem, seguimos agora para nosso próximo tópico, buscando a partir de todo esse diálogo atingir o objetivo principal da nossa pesquisa, compreender o processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, dadas suas respectivas especificidades aqui esplanadas.

2.2 O processo de aprendizagem da leitura e da escrita

A aprendizagem da leitura e da escrita é fundamental, nos insere em sociedade de maneira mais completa, dado que fazemos parte de uma sociedade em que o uso da leitura e da escrita é imprescindível para se lidar com atividades diversas e necessárias ao dia a dia. Iniciamos esse tópico elucidando a importância de tal aprendizado por este se encontrar com frequência entre as dificuldades de

aprendizagens enfrentadas pelas crianças com TDAH, e não somente quando se tem os transtornos específicos de aprendizagem como dislexia e/ou disgrafia.

Para entendermos este processo de aprendizagem, vamos primeiro pensar sobre o que é a alfabetização. Sabemos que a escrita foi inventada, e que o alfabeto é uma das maiores invenções, pois conforme Soares (2022, p.44) antes da criação deste sistema de escrita, os povos utilizavam inúmeros e variados desenhos e/ou símbolos, pictogramas e ideogramas respectivamente, criados para representarem o significado do que estava escrito, como por exemplo os hieróglifos no Antigo Egito, sendo necessário para a leitura desses escritos, o aprendizado de muitos desenhos ou símbolos.

Com a invenção do alfabeto, que representa o significante e não o significado, por ser “um sistema de escrita de *representação dos sons* das palavras” (SOARES, 2022 p. 46), diminuiu-se consideravelmente a quantidade de *símbolos* a serem aprendidos, já que este é composto por uma quantidade finita de letras, que juntas formam palavras, e estas: frases e textos. Com essa evolução da escrita, surgiu a alfabetização, podendo ser definida como:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página [...]; a organização espacial do texto na página; a manipulação adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê [...] (SOARES, 2022, p. 27).

Apesar do número de letras do alfabeto ser muito menor quando comparado por exemplo a escrita ideográfica, ainda utilizada por alguns povos, fator que facilita sua aprendizagem em comparação ao exemplo citado, é possível enxergar a complexidade do processo de alfabetização ao lermos a definição acima, pois como destacado pela autora, a apropriação da escrita requer o desenvolvimento de várias habilidades e procedimentos.

Costa Val (2006, p. 19) também salienta a complexidade do processo de alfabetização, segundo a autora “A apropriação da escrita é um processo complexo e multifacetado, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético/ortográfico quanto a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas.”

Sabendo dessa complexidade, é possível entender o porquê dessa apropriação se dar de maneira diversificada e em tempos diferentes para cada criança, dependendo não só do estímulo, do seu ambiente familiar e escolar, sua saúde física e emocional, os métodos e práticas pedagógicas de seus professores, os recursos disponíveis nas escolas que propiciem esse ensino, mas também de suas especificidades. Muitas coisas podem influenciar no aprendizado das crianças, fatores internos e externos podem facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem, porém é importante destacarmos que toda criança pode aprender, o que vai variar é a maneira com que ela vai aprender.

O processo de alfabetização se dá articulado com o letramento, pois desde pequenas as crianças vivem rodeadas de práticas sociais de leitura e de escrita, são as práticas do dia a dia, que utilizamos para nos informar, orientar, interagir com o outro, como por exemplo a simples escrita de um recado que deixamos para alguém, ou uma mensagem digitada que enviamos pelos meios de comunicação atuais como o *WhatsApp*, ou a leitura de diferentes gêneros textuais ou literários. Ferreiro e Teberosky (1999) destacam essa aproximação com tais práticas pelas crianças através dos adultos, mesmo que não saibam o significado o contato com tais práticas começa antes de entrarem na escola. Afirmam:

Um adulto realiza cotidianamente uma série de atos de leitura diante da criança, sem transmitir-lhe explicitamente sua significação. [...] um adulto busca informação no escrito, não somente quando lê um jornal ou quando lê um livro, mas também quando lê placas indicadores da cidade para se orientar, uma bula de remédio para saber a maneira de cumprir as indicações, ou o cardápio de um restaurante antes de decidir sobre o que vai comer [...]. Seria difícil contabilizar todos os atos de leitura que um adulto efetua e aos quais a criança assiste desde muito cedo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 165).

Esses atos de leitura mencionado pelas autoras são práticas sociais de leitura que fazem parte atualmente do conceito de letramento, como podemos observar na definição de letramento de Costa Val (2006, p. 19), que conceitua o letramento como “[...] o processo de inserção e participação na cultura escrita. [...] que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens [...] etc.) e se prolonga por toda a vida”.

A definição de Magda Soares também corrobora essa constatação, de acordo com a autora, letramento é a:

Capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos [...]; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto, ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2022, p. 27).

É preciso destacar que, de acordo com Costa Val (2006, p. 19) e Soares (2022, p. 27), a alfabetização e o letramento são processos distintos, porém simultâneos e complementares, sendo necessário que os professores busquem em sua prática pedagógica conciliar ambos os processos.

Portanto, com a compreensão da definição de alfabetização e de letramento, podemos então descrever como uma criança aprende a ler e a escrever. Segundo Soares (2021, p. 45), “a escrita precisa ser ensinada por meio de métodos que orientem o processo de aprendizagem do ler e do escrever”, pois diferentemente da fala que a criança adquire naturalmente na interação social, por possuir uma capacidade inata para aprender, a escrita como destacamos anteriormente, é uma invenção precisando, portanto, ser aprendida.

Como já mencionado aqui, as crianças vivem envoltas em práticas sociais de leitura, pois fazem parte de uma sociedade letrada, ou como diria Soares (2022, p. 51) “sociedades grafocêntricas”, então, mesmo quando pequenas elas já têm contato e observam que os adultos fazem uso da leitura e da escrita em diferentes contextos e situações, o que vai aproximando as mesmas, mesmo que sem entender, aos poucos, do conceito de escrita. Porém, como Magda Soares afirma é somente através da:

[...] interação entre seu desenvolvimento de processos cognitivos e linguísticos e a aprendizagem proporcionada de forma sistemática e explícita no contexto escolar que a criança vai progressivamente compreendendo a escrita alfabética como um sistema de representação de sons da língua (os fonemas) por letras – apropria-se, então, do *princípio alfabético* (SOARES, 2022, p. 51).

Na alfabetização a criança vai se apropriar desse sistema de escrita alfabética, entender que os sons das palavras que produzimos quando falamos, os fonemas, podem ser divididos em partes menores, pequenas unidades, e que “cada uma dessas pequenas unidades sonoras da palavra é representada por formas

visuais específicas – as letras” (SOARES, 2022, p. 43). A compreensão de que o sistema de escrita é a representação dos sons que produzimos ao falarmos, através das letras, é conforme a autora, o que caracteriza a criança como detentora do princípio alfabético.

Precisamos destacar que crianças em processo de alfabetização caminham por níveis que conduzem ao aprendizado da leitura e escrita, conforme Ferreiro (2011, p. 86), o pré-silábico, o silábico, o silábico-alfabético, e o alfabético.

Figura 1 - Gráfico representando o ciclo de alfabetização e letramento.



Fonte: Soares (2022, p. 137).

No gráfico anterior vemos a representação das fases descritas por Ferreiro (2011), porém podemos observar pequenas adaptações feitas por Soares, sendo o nível pré-silábico denominado aqui por fase pré-fonológica, composto pelas garatuja e escrita com letras, o nível silábico dividido em nível silábico sem valor sonoro e nível silábico com valor sonoro, e o acréscimo da fase ortográfica. Em cada uma dessas fases a criança aprende um pouco mais das habilidades e procedimentos necessários para alfabetizar-se, porém não necessariamente passando por todos os níveis de maneira uniforme.

A mediação pedagógica é importante para o desenvolvimento do aprendizado das crianças, é no contexto escolar, com a utilização de recursos e

através de práticas pedagógicas de letramento, que os professores contribuem com o aprendizado da leitura e da escrita das crianças. Segundo Magda Soares:

[...] no que se refere à aprendizagem da escrita alfabética, cabe à escola, conhecendo o nível de desenvolvimento cognitivo e linguístico já alcançado pela criança e partindo dele, orientá-la para que avance em direção ao nível que ela já tem possibilidade de alcançar (SOARES, 2022, p. 53).

No nível pré-silábico por exemplo, fase das garatujas, as crianças ainda não entendem que a escrita alfabética representa o significante e não o significado, nesse nível, de acordo com Soares (2022, p. 61) a criança desenha para representar a escrita, e a partir de sua vivência com a escrita alfabética, o que vai depender de seu contexto familiar, escolar, “as crianças vão percebendo que escrita não é desenho” e passam a imitar a escrita dos adultos, tentando escrever então as primeiras letras. Durante essa fase, é importante, se inseridas em contexto escolar, o papel do professor como mediador da escrita espontânea das crianças, oportunizando e incentivando essas escritas com frequência, além de sempre terem contato com materiais escritos como as fichas com seus nomes, e vivências de letramento, como a contação de histórias.

Na fase: escrita com letras, de acordo com Soares (2022, p. 66-67) ainda não percebem a representação que as letras significam dos sons, porém percebem que é com elas que se escreve as palavras, avançando do nível das garatujas, e encaminhando-se para a apropriação do princípio alfabético, pois apesar de não relacionarem as letras aos sons da fala, já compreendem “[...] que a escrita é *arbitrária*, não é desenho [...] feita com determinados sinais gráficos, as letras [...]”. Nessa fase os professores precisam buscar realizar com as crianças atividades que ampliem o contato delas com a escrita, buscando aumentar seu repertório de letras, como também “reconhecer, nomear e desenvolver sua habilidade de grafar letras”.

Associado ao aprendizado da escrita adquirido nessas fases iniciais, a criança vai aos poucos adquirindo a consciência fonológica, “a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas” (SOARES, 2022, p. 77). Esta consciência favorece a escrita das palavras, pois ela vai compreendendo o que ela vai escrever.

Para alcançar essa consciência, e o conseqüente aprendizado da escrita, como mencionamos anteriormente, a criança vai passar ainda por outras fases, a

silábica sem valor sonoro e a silábica com valor sonoro, nessas fases os professores realizarão atividades, sempre a partir de situações de letramento, que contribuirão nesse processo de aprendizagem e também no aprendizado da leitura.

Muitas crianças apropriam-se do sistema de escrita alfabética, porém tem dificuldade para aprender a ler, sabendo escrever e não tornando-se leitoras, por esse motivo buscamos manter a alfabetização e o letramento lado a lado nesse processo, para facilitar o aprendizado de ambos os conhecimentos, conforme vemos no trabalho *Alfabetizar de Magda Soares*. Para o desenvolvimento do aprendizado da leitura, os professores precisam, a partir de gêneros textuais variados, planejar e aplicar práticas pedagógicas como leitura mediada, pensando também no nível de complexidade dos textos que irão trabalhar com as crianças, se são adequados de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento que se encontram, e utilizando estratégias que propiciem a aquisição de habilidades de leitura e interpretação pelas crianças.

O aprendizado da leitura que se busca alcançar durante a alfabetização, não se reduz a conseguir juntar as sílabas das palavras e compreender o seu significado, mas o constante desenvolvimento desta, a leitura de frases, o desenvolvimento da fluência da leitura, a leitura e produção de textos, e sua prática social. Sendo a leitura de frases, o passo inicial para o desenvolvimento dos aprendizados seguintes.

Ser capaz de ler e compreender textos e de escrever textos é o que se considera uma criança que, além de *alfabética*, se torna *alfabetizada*, objetivo do ciclo de alfabetização e letramento. Ao longo da escolaridade posterior, com a ampliação e consolidação das habilidades básicas já adquiridas, as crianças terão condições de atingir o objetivo último: tornarem-se leitoras e produtoras de textos capazes de fazer uso da língua escrita de forma autônoma para seus objetivos pessoais e de responder adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2022, p. 200).

Podemos concluir então, a partir das descrições feitas no decorrer desse tópico, que de fato o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, como mencionado no início, trata-se de um processo complexo, porém muito bem estruturado por fases que orientam e facilitam os professores no planejamento de suas práticas pedagógicas, e que o aprendizado não é linear e uniforme, podendo variar conforme as especificidades de cada criança.

2.3 Funções superiores requeridas na alfabetização: atenção, memória, linguagem

É perceptível a partir da leitura do tópico anterior a complexidade do processo de alfabetização e letramento, e como o todo (contexto familiar e escolar, práticas pedagógicas, conforto e bem-estar, boa alimentação, recursos pedagógicos de qualidade, etc.), influenciam nessa aprendizagem, porém podemos observar também que o cognitivo das crianças também é um fator importante, sempre destacado pelas autoras, partindo desse princípio abordamos aqui as funções requeridas na alfabetização.

Na perspectiva da Neurociência Cognitiva, de acordo com Amaral e Guerra:

Aprendizagem ocorre a partir da reorganização de sinapses, de circuitos e de redes de neurônios, interconectados e distribuídos por todo o cérebro, o que envolve e também promove o desenvolvimento de funções mentais, tais como atenção, emoção, motivação, memória, linguagem e raciocínio lógico-matemático (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 36).

Como vemos na citação acima, a perspectiva cognitiva ressalta que a aprendizagem tanto envolve como promove o desenvolvimento das funções mentais, sendo estas percebidas na referida perspectiva, como fundamentais para o desenvolvimento de qualquer aprendizado.

Tais funções são essenciais para aprender a ler, calcular, dirigir, ser cooperativo e solidário, dançar, tocar um instrumento, falar uma nova língua, entender filosofia e robótica, enfim, para todo tipo de aprendizado. É a atividade dessas funções mentais que levará à construção das representações mentais das experiências vivenciadas (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 70).

Conforme destacado acima, essas funções mentais têm importância relevante na aprendizagem, inclusive da leitura e da escrita. Pensando na relevância dessas funções na aprendizagem, refletimos então sobre o aprendizado das crianças que possuem déficits relacionados a essas funções, como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, que, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais 5 (2014) apresenta:

Comportamento desatento [...] associado a vários processos cognitivos subjacentes, e indivíduos com TDAH podem exibir problemas cognitivos em testes de atenção, função executiva ou memória, embora esses testes não sejam suficientemente sensíveis ou específicos para servir como índices diagnósticos. (DSM-5, 2014, p. 61)

Os problemas cognitivos aqui mencionados não significam que crianças acometidas por esse transtorno, ou outros que relacionem a qualquer prejuízo cognitivo, não possam aprender, mas que dependendo do grau de comprometimento, essas crianças podem apresentar maior ou menor dificuldade de aprendizagem, dado que as funções têm relevância no processo de aprendizagem. Conseqüentemente, crianças com transtornos como o TDAH ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), dentre outros, precisarão de um olhar mais atento e uma prática pedagógica inclusiva por parte dos professores, além de também, após diagnóstico, terem acompanhamento multidisciplinar por outros profissionais como psicopedagogos, fonoaudiólogos, e, quando encaixadas nos critérios (como TEA) pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas salas de referência, sempre visando o melhor desenvolvimento de suas aprendizagens.

Aprendizagem [...] é um processo que ocorre no sistema nervoso e depende [...] da atividade de circuitos neurais ativados pelos estímulos oriundos das interações que o aprendiz tem com o meio em que vive. Nessa perspectiva, a aprendizagem é um processo individual que obedece a circunstâncias históricas de cada um de nós, mas também um processo social na medida em que as interações com o mundo orientam o desenvolvimento desse cérebro singular (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 59).

Sabemos que as funções mais requeridas no processo de alfabetização são a atenção, a memória, e a linguagem, importantes dada a complexidade do sistema de escrita alfabética e da aprendizagem da leitura. Para a aquisição dessas aprendizagens, é preciso que a criança consiga se concentrar, manter a *atenção*, por exemplo, durante o desenvolvimento da consciência fonológica, que consiga aumentar seu repertório de letras ou grafemas utilizando da *memória*, e possua bom desenvolvimento da *linguagem*, pois o sistema de escrita alfabética é a representação do significante, dos sons que produzimos ao falarmos. Portanto vamos explicar um pouco sobre cada uma dessas funções nos subtópicos abaixo.

2.3.1 Atenção

Falando especificamente sobre a Atenção, trataremos primeiro algumas definições, para a seguir dialogarmos sobre seu papel na aprendizagem, segundo Consenza e Guerra (2011, p. 40) “Através do fenômeno da atenção somos capazes de focalizar em cada momento determinados aspectos do ambiente, deixando de lado

o que for dispensável”, sendo a atenção então a função ativada pelo cérebro para selecionar o que focar.

Amaral e Guerra (2020, p. 74), definem a atenção como a função mental que permite ao cérebro selecionar a informação, dentre tantas que chegam simultaneamente, segundo as autoras, é essa capacidade de “[...] seleção, foco e direcionamento proporcionados pela atenção [...]” (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 74), que a torna essencial para a formação de memórias e conseqüentemente para o processo de aprendizagem.

Durante o desenvolvimento da consciência fonológica no processo de alfabetização, em que a criança precisa aprender que a palavra é uma cadeia sonora, o desenvolvimento desse aprendizado requer que a criança dirija a atenção para a cadeia sonora da fala, ou seja, que direcione o foco para os sons produzidos, sem permitir que outros estímulos a distraíam.

Essa função mental pode acontecer de forma reflexa ou voluntária. A atenção reflexa, de acordo com Amaral e Guerra (2020, p. 74-75), é comandada pelo circuito neural do cérebro denominado sistema ativador reticular ascendente (SARA), o mesmo que produz o estado de alerta, “condição necessária para a atenção funcionar”, é a atenção ativada quando percebemos por exemplo algo diferente no campo de visão em determinado ambiente, ou quando um som alto ocorre sem esperarmos, como uma buzina, se não for algo relevante desprezamos rapidamente essas observações feitas por essa atenção.

A atenção voluntária encontra-se no circuito neural orientador do cérebro:

Esse circuito desloca o foco da atenção de determinado alvo para outro, de forma consciente, a partir de um estímulo aparentemente mais relevante, para que o indivíduo possa obter maior discriminação do estímulo, captando a informação com precisão. [...] A atenção voluntária também pode ser seletiva [...] (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 75).

A atenção voluntária depende ainda de outro circuito neural do cérebro, conforme Amaral e Guerra (2020, p. 75), o circuito executivo segundo os autores, “[...] é responsável por manter a atenção voluntária em determinado estímulo, de forma prolongada, inibindo estímulos que produzem distração”. É esse circuito que vai manter a atenção no que se pretende focar apesar das distrações externas ou internas.

Podemos observar então que é a atenção voluntária aqui retratada, a atenção requerida no processo de alfabetização, pois é ela que vai permitir que a

criança focalize e iniba distrações. Encontra-se aí a vulnerabilidade das crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, quando pensamos na alfabetização e letramento, principalmente para os predominantemente desatentos ou do tipo combinado, pois:

Os sintomas de desatenção incluem: dificuldade em sustentar a atenção pelo tempo necessário, dificuldade em alternar o foco entre duas ou mais tarefas, perdas e esquecimentos de objetos, dificuldade em memorizar e em recordar informação já apreendida, desorganização, elevada distratibilidade [...]. (MUSZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI., 2012 p. 64)

Apesar da clara importância aqui apresentada dessa função para a aprendizagem e da dificuldade decorrente de problemas cognitivos relacionados a ela, destacamos mais uma vez que a aprendizagem não depende só do pleno funcionamento dessa função, é preciso sempre lembrar de todos os fatores que influenciam o processo e aprendizagem e buscamos sempre estar ressaltando no decorrer dessa pesquisa.

2.3.2 Memória

É um fato consolidado a importância da memória para a vida das pessoas, é na memória que armazenamos todas nossas vivências, lembranças, como também o conhecimento que adquirimos em nossas aprendizagens. Contudo, a memória não se trata apenas de armazenar, para que as memórias sejam formadas elas passam por um processo, como destacado por Amaral e Guerra (2020, p. 63): “as memórias são formadas por meio de um processo complexo que envolve várias regiões do cérebro e depende da codificação, do armazenamento e da recuperação da informação/experiência na forma de representação mental.”

Existem diferentes tipos de memória, elas podem ser de curta duração ou longa duração, ambas são importantes durante o processo de aprendizagem, sendo então a memória outra função requerida na alfabetização. A memória de curta duração é a também chamada memória operacional ou memória do trabalho, é ela que, segundo Amaral e Guerra (2020, p. 77-78) mantém registradas as informações em nosso cérebro por um breve período de tempo.

A memória operacional é uma função requerida na alfabetização, pois, “[...] é uma memória transitória, [...] na qual são mantidas e processadas informações necessárias ao desempenho de uma tarefa que requer a consciência” (AMARAL;

GUERRA, 2020, p. 78), ou seja, é a memória do trabalho que mantém as informações disponíveis até a utilizarmos, utilizamos essa função durante o processo de alfabetização por exemplo nos primeiros contatos com as letras, quando ainda estamos nos apropriando do alfabeto, e também durante o aprendizado da leitura, pois:

[...] a memória operacional tem um papel importante na manutenção da informação na consciência, de forma que o leitor possa chegar ao final de uma frase e compreender seu significado levando em consideração as primeiras palavras que leu, sem tê-las esquecido (CONSENZA; GUERRA, 2011, p. 106).

Para se alfabetizar a criança passa por fases em que precisa apreender e memorizar várias aprendizagens, a escrita com as letras, a consciência dos sons que cada uma representa (consciência fonológica), a segmentação das palavras em sílabas, a escrita silábica, entre outros, essas aprendizagens não se consolidam através da memória do trabalho, esta é a função utilizada durante o processo de aprendizagem, pois permite a compreensão do que o professor fala em sala de aula, a compreensão da leitura, mas é a memória de longa duração, que consolida essas informações no cérebro, conforme acontecesse o aprendizado efetivo.

Apesar de ser a memória de longa duração que consolida as aprendizagens no cérebro, é perceptível a importância da memória do trabalho no processo de aprendizagem, nesse sentido que também se encontra as dificuldades para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade conforme ressaltam Muszkat, Miranda e Rizzutti, pois:

Além da atenção, déficits em funções executivas – incluindo a memória operacional, inibição de resposta e processamento temporal – podem estar presentes no quadro de TDAH. A memória operacional é a habilidade para manter e manipular uma informação durante um curto período de tempo, participando de uma variedade de tarefas cognitivas essenciais como aprendizagem, raciocínio e compreensão [...] (MUZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI, 2012, p. 66-67).

Portanto o déficit nessa função é um dos responsáveis juntamente com o déficit de atenção na dificuldade enfrentada por muitas crianças acometidas pelo Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade no processo de alfabetização e letramento, dado que a memória do trabalho é uma função requerida na apropriação do sistema de escrita alfabética e na aprendizagem da leitura.

2.3.3 Linguagem

Sabemos da importância da linguagem em nossas vidas, os gestos, expressões faciais, os desenhos, a fala, a escrita, a leitura e outras formas de expressão são essenciais para interagirmos com o outro. Trabalharmos, estudarmos, vivermos em sociedade. A linguagem é uma função mental, trazemos aqui algumas definições e em seguida sua relação com a aprendizagem da leitura. De acordo com Amaral e Guerra (2020, p. 52), “já nascemos com áreas específicas no cérebro responsáveis pela linguagem, que nos dão a possibilidade de falar”, conforme mencionamos lá no tópico da aprendizagem da leitura e da escrita, a aprendizagem da fala é inata, que desenvolvemos a partir da interação com o outro.

Segundo Buchweitz, Mota e Name (2017, p. 119) a linguagem é “[...] um fenômeno neurocognitivo que apresenta interface com outras categorias cognitivas (memória, atenção, controle executivo, por exemplo), a serviço da comunicação entre indivíduos”. Os autores ainda ressaltam que “a aquisição da linguagem oral é sustentada por circuitos predispostos [...] no cérebro para essa modalidade de linguagem e a partir do simples contato com adultos e outras crianças” (BUCHWEITZ; MOTA; NAME, 2017, p. 121).

A aquisição da linguagem oral, quando bebês ouvintes tem início segundo Buchweitz, Mota e Name (2017, p. 121) já na barriga das mães, se desenvolvendo principalmente “ao longo do primeiro ano de vida da criança”. É uma função mental essencial no desenvolvimento do aprendizado da língua pelas crianças, seja ela oral ou visuogestual, como a língua de sinais, mas também no aprendizado da linguagem escrita e da leitura, pois:

Essa capacidade de perceber características da fala [...], tanto no que se refere aos segmentos da fala – vogais, consoantes –, quanto no que diz respeito aos suprasegmentos – sílaba, contorno melódico, ritmo, etc. [...] é essencial para a criança aprender sua língua espontaneamente e, mais tarde, para desenvolver outras habilidades, como a leitura e a escrita. (BUCHWEITZ; MOTA; NAME, 2017, p. 121)

Como podemos ver a linguagem contribui no aprendizado da leitura e da escrita, pois as características da fala fazem parte do processo de alfabetização, como no desenvolvimento da consciência fonológica, importante tanto no aprendizado da escrita, como da leitura, vale destacar que:

Diferentemente da linguagem oral, que aprendemos naturalmente, a habilidade de leitura exige mediação, esforço e repetição. Ela resulta de uma reorganização de sinapses nos circuitos neurais do hemisfério esquerdo, originalmente dedicados ao processamento de estímulos visuais e da linguagem oral (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 94).

Como vimos, as funções requeridas na alfabetização (atenção, memória e linguagem), de fato influenciam no aprendizado das crianças, porém, como vimos destacando anteriormente, essa é só uma parcela do processo de aprendizagem, sendo necessário sempre práticas pedagógicas pensadas e elaboradas conforme as especificidades de cada criança, recursos de qualidade, qualidade no ensino proporcionado pelo professor e pela escola, incluindo aqui constante formação continuada dos professores, e também fatores relacionados a saúde da criança, inclusive do ponto de vista da neurociência.

Existem alguns princípios que estão relacionados às condições de saúde geral do aprendiz e aos fatores fisiológicos que influem na aprendizagem. Entre eles, os mais relevantes são apresentados a seguir. • Alimentação adequada para fornecimento dos nutrientes necessários às reações químicas e síntese das proteínas que resultam na formação e poda de sinapses, fundamentais para a construção e consolidação das memórias e, portanto, da aprendizagem. • Sono, que é o estado fisiológico durante o qual os circuitos neurais são reativados e reorganizados por meio da neuroplasticidade, isto é, o momento em que ocorre a consolidação do que foi processado quando o indivíduo estava acordado. • Atividade física, que melhora o desempenho cognitivo, por influenciar as funções de atenção, memória e as funções executivas (AMARAL; GUERRA, 2020, p. 90).

Portanto, existe uma série de fatores externos, internos, biológicos, emocionais e sociais que influenciam na aprendizagem das crianças, sendo o cognitivo somente um deles. Podemos perceber com a exemplificação das funções que o desenvolvimento cognitivo tem bastante influência quando pensamos em dificuldades específicas decorrentes de déficits das funções superiores, como no caso de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, mas que existem inúmeros fatores além deste que podem ser responsáveis por dificuldades enfrentadas pelas crianças no processo, inclusive que podem ser confundidas como característica do transtorno e decorrentes de outros problemas, portanto, um déficit não deve ser enxergado como uma barreira para a aprendizagem, mas como algo que precisa ser observado, para que a partir da observação busque-se analisar a necessidade de um diagnóstico e planejar práticas pedagógicas que contribuam com o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo iremos apresentar a metodologia selecionada e os passos adotados para coleta de dados, dessa forma iremos descrever o tipo de pesquisa, sua relevância no meio acadêmico e social, e os procedimentos adotados para análise de dados, destacando as principais fontes de levantamento utilizadas para alcançar os objetivos propostos.

3.1 Metodologia selecionada e passos para coleta de dados

O estudo aqui apresentado origina-se de uma pesquisa tipo bibliográfica e documental, realizada a partir do levantamento de dados sobre TDAH, alfabetização e letramento, e funções superiores. Identificando como fontes de pesquisa: livros, artigos e documentos que abordam os assuntos que compõem o tema da pesquisa. Segundo Severino (2013):

*A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. No caso da *pesquisa documental*, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2013).*

Segundo Lakatos (2022, p. 49) a pesquisa bibliográfica “[...] é um tipo específico de produção científica: [...] feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”. Adotamos para essa pesquisa ambos os recursos, pois utilizamos não só obras bibliográficas, mas também documentos estatísticos e legais.

A pesquisa bibliográfica e documental é de extrema relevância no meio acadêmico, pois ela serve como base para estudos posteriores, e é parte primordial de qualquer pesquisa, dado que mesmo uma pesquisa de campo precisa de uma revisão de literatura e do arcabouço teórico para ser realizada. É na pesquisa bibliográfica e/ou documental que os pesquisadores vão se apropriar e se aprofundar sobre o tema que desejam pesquisar, conhecendo os dados já existentes, os

conceitos e definições do objeto que pretendem estudar, além de a partir dela analisarem a relevância de sua pesquisa, na pesquisa bibliográfica pode-se encontrar dados que mudem o caminho do pesquisador, podendo a partir dela decidir analisar outros dados ou continuar no caminho pré-definido anteriormente.

Além dessas contribuições para os pesquisadores, uma pesquisa bibliográfica e/ou documental serve não só para as comunidades acadêmicas, mas também como meio de pesquisa de dados para profissionais que buscam manter-se informados e gostam de aprofundar seus conhecimentos sobre os objetos de estudo apresentados em muitas pesquisas bibliográficas, como por exemplo o tema da alfabetização de crianças com TDAH que trazemos nessa pesquisa, serve para acadêmicos, profissionais e também para a comunidade, pois muitos pais atualmente buscam entender mais sobre as condições de seus filhos.

3.2 Os procedimentos para análise dos dados

O levantamento de dados foi feito a partir de livros, artigos e documentos de referência, buscamos atentar nos para a escolha de obras de renome científico, buscando autores de referência para cada assunto abordado na pesquisa. Após a escolha das obras, foram realizadas leituras profundas para apropriação do tema e para obtenção dos melhores dados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Para abordar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, utilizamos como maior meio de referência o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2014), buscando sempre selecionar dados fidedignos referente as características do transtorno, coletamos dados também na CID-11, Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (2022), a fim de caracterizar os Transtornos do Neurodesenvolvimento, grupo em que se encontra classificado o TDAH.

Além dos documentos mencionados acima buscamos referências em autores que abordam o transtorno em suas obras e dissertam sobre as causas, a evolução histórica, as consequências decorrentes do transtorno na vida das crianças, e também sobre os tratamentos existentes, como o livro *“Porque é tão difícil aprender?: o que são e como lidar com os transtornos de aprendizagem”* (2012), de Anna Sans Fitó, o livro *“Desatentos e Hiperativos”* (2019), de Gustavo Teixeira, e o

livro “*Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade*” (2012), de Mauro Muszkat, Monica Carolina Miranda e Sueli Rizzuti.

Para abordar a aprendizagem da língua escrita, o processo de alfabetização e letramento, foram utilizados textos de artigos e livros como referência, a obra de Magda Soares, “*Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*” (2022) sendo a principal fonte de levantamento. Foi utilizado também a obra “*Alfabetização: a questão dos métodos*” (2021) da mesma autora, o artigo “*O que é ser alfabetizado e letrado?*”, de Maria da Graça Costa Val, presente no livro “*Práticas de leitura e escrita*” (2006), a obra “*Reflexões sobre alfabetização*” (2011), de Emília Ferreiro e “*A psicogênese da língua escrita*” (1999), de Ferreiro e Teberosky. Buscamos, nessas leituras, um aprofundamento sobre como se dá o processo apropriação da leitura e da escrita, a fim de discorrer para os leitores de maneira clara e simplificada acerca deste.

Para abordar as funções superiores requeridas na alfabetização buscamos referências que abordassem as características das funções e a influência destas no processo de aprendizagem, para tal utilizamos livros e artigos que abordassem a neurociência cognitiva. O livro elaborado por Ana Luiza Neiva Amaral e Leonor Bezerra Guerra “*Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem*” (2020), o livro “*Neurociência e educação: como o cérebro aprende*” (2011), de Ramon M. Cosenza e Leonor B. Guerra, e o artigo “*Linguagem: das primeiras palavras à aprendizagem da leitura*” (2017), de Augusto Buchweitz, Mailce Borges Mota e Cristina Name.

4 A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TDAH

Neste capítulo iremos analisar nos tópicos a seguir, a partir dos estudos realizados, como ocorre a aprendizagem das crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, com o objetivo de refletir sobre o processo de alfabetização e letramento dessas crianças e a contribuição de práticas inclusivas nesse processo.

4.1 A aprendizagem de crianças com TDAH e o processo de alfabetização e letramento

O processo de alfabetização é demasiado importante, dado que nele desenvolve-se o aprendizado da leitura e da escrita e que ambas as aprendizagens são necessárias por toda a vida em diferentes contextos. De acordo com a BNCC (2018) o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica nos dois primeiros anos do ensino fundamental, pois:

aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2018, p. 63).

Como vimos no tópico referente ao aprendizado da leitura e da escrita, a alfabetização e o letramento trata-se de processos de aprendizagem complexos, pensando sobre tal complexidade e sobre as especificidades das crianças com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, que possuem déficits em funções cognitivas importantes para tal aprendizagem como destacado no tópico referente as funções superiores requeridas no processo de alfabetização e letramento, buscamos então por estudos que abordem como ocorre o processo de aprendizagem de crianças com TDAH.

Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012, P. 64) destacam que “[...] o comportamento da criança com TDAH pode passar despercebido pelos pais, mas quando ela ingressa na escola, mesmo os casos mais leves tendem a se tornar mais evidentes [...]”, isso acontece porque na escola as crianças precisam adaptar-se a regras de rotina e aprenderem a ter determinados comportamentos, além de ser perceptível no acompanhamento do desenvolvimento das aprendizagens da criança em comparação com as demais, as crianças com TDAH tendem a apresentarem

dificuldades em manter-se sentadas nas cadeiras, em prestar atenção na professora, o que impacta em seus avanços escolares.

Fitó (2012, p. 104) ressalta que “A principal dificuldade da criança com TDAH é criar hábitos de trabalho [...]. Compreender e extrair as principais ideias de uma leitura, ter organização [...] para redigir um texto é para esses alunos uma tarefa muito complexa.” As dificuldades destacadas por Fitó, juntamente com o comportamento agitado e/ou desatento, característicos do transtorno, são fatores que fazem com que muitos professores tenham dificuldades em saber lidar com essas crianças, é preciso que os professores busquem estudar sobre as características do transtorno e o melhor meio de lidar com as crianças, pois “[...] o professor tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e controle do comportamento da criança com TDAH.” (REIS, 2011, p. 7 *apud* VASCONCELOS; FELIZARDO, 2020, p. 68).

O aluno com TDAH impulsiona o professor a uma constante reflexão sobre sua situação pedagógica, obrigando-a uma flexibilização constante para adaptar seu ensino ao estilo de aprendizagem do aluno, atendendo, assim, as suas necessidades educacionais individuais. (ROHDE, 2003, p. 206 *apud* LACERDA, 2014, p. 9).

Como destacado pelos autores, o professor tem grande importância no processo de aprendizagem das crianças com TDAH, devendo sempre buscar por estratégias que o auxiliem nesse processo, pensando sobre a alfabetização dessas crianças, percebemos que existem poucos estudos e pesquisas que abordem especificamente o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Antoszczyszen (2015, p. 38) traz algumas considerações referente a esse processo de aprendizagem o qual muitas crianças com TDAH apresentam dificuldades, segundo o autor:

Ao que concerne especificamente à linguagem o que ajuda no reconhecimento de palavras é ensinar suas regularidades para além da simples memorização de letras e sons. Atividades para potencializar a segmentação léxica, identificação de fonemas, omissão de fonemas, integração de sons em palavras, associar as diferentes unidades linguísticas (letras, sílabas e palavras) a uma chave externa (como desenhos, cores, movimentos, chutes, palmas) que ajude a criança a tomar consciência e a manter a ativação durante a aprendizagem. Leituras repetidas e conjuntas e em sombra para alcançar um nível ótimo de automatização e fluidez (ANTOSZCZYSZEN, 2015, p. 38).

As dicas apresentadas pelo autor podem ser aplicadas no desenvolvimento do aprendizado da escrita, segundo o mesmo, no que se refere ao desenvolvimento da leitura, é interessante que:

Para aumentar a compreensão de textos, antes da leitura, perguntar sobre o texto que vai ler, o que gostaria de saber. Esse é um treinamento para que se lembrem do tema a ser trabalhado. Durante a leitura segmentar os textos longos, fazer intervalos, eliminar estímulos que possam causar distração e depois tentar dramatizar o que foi lido, e por fim usar procedimentos de autoinstruções tais como perguntando qual o assunto da história, identificar a ideia principal. O que ocorre primeiro? E depois? Identificar a ordem dos acontecimentos ou sequência dos fatos na história. Simular o que sentiu o personagem principal quando agiu de determinada maneira e saber como os demais personagens se sentem e por quê? (ANTOSZCZYSZEN, 2015, p. 38).

Uma das estratégias que deve ser pensadas não só no processo de alfabetização e letramento de crianças com TDAH, mas no desenvolvimento de toda prática pedagógica, segundo Ferreira (2019) é “acreditar que o aluno é capaz”, as crianças conseguem perceber seu desempenho e dificuldades em certas atividades, o que associado a comentários negativos por professores e pais pode levar a uma baixa autoestima, fazendo com que, de acordo com a psicopedagoga Maria Fernanda Coelho da Fonseca¹ citada pela autora, resulte em uma mudança de comportamento: “o aluno fica muito encolhido diante desse desafio ou ele se torna uma criança agitada que quer fugir daquela situação” (FONSECA, 2019 *apud* FERREIRA, 2019), dificultando assim seu processo de aprendizagem.

O tratamento atencioso do professor pode criar um vínculo positivo entre a criança e o profissional, tornando-a mais segura das suas capacidades quando o professor mostra o quanto ela pode realizar, levando motivação com uma linguagem positiva. “Isso é possível na medida que existe um trabalho no começo do processo de alfabetização. Quando isso acontece no final do processo, existem mais dificuldades para motivar essa criança e buscar estratégias mais adequadas”, explica a psicopedagoga. É importante que o professor estimule o lado positivo e não exija a perfeição, mas que ele busque o empenho do estudante, mostrando que mesmo com as dificuldades ele vai conseguir (FERREIRA, 2019).

A autora traz também outras estratégias, como a criação de uma rotina de organização, pensando na dificuldade que as crianças com TDAH tem em “se encontrar no ambiente, organizar suas tarefas e tempo de estudo” (FONSECA, 2019 *apud* FERREIRA, 2019), essa rotina de organização inclui a criação de uma rotina de

¹ Profissional integrada à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no Ambulatório de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade.

estudos que pode ir além da sala de aula, e a atenção quanto ao lugar da sala em que a criança irá sentar, buscando por exemplo colocá-lo longe de portas ou janelas, buscando evitar distrações.

Como podemos observar, é fundamental que as estratégias sejam pensadas e aplicadas no início do processo de alfabetização, por se tratar justamente do foco da ação pedagógica nos primeiros anos do Ensino Fundamental, porém elas podem ser aplicadas já na Educação Infantil, dado que podemos observar manifestações do TDAH já nessa etapa da educação básica.

4.2 Práticas Inclusivas na sala de aula comum

Sabendo das dificuldades enfrentadas pelas crianças com TDAH no seu processo de aprendizagem ressaltadas no tópico anterior, buscamos pesquisar por estratégias, além das já apresentadas, que podem favorecer a inclusão dessas crianças na sala de aula, visando a contribuição em sua alfabetização. A inclusão aqui mencionada, não é somente a integração da criança nas escolas, mas a inclusão efetiva em todas as propostas e atividades realizadas no ambiente escolar. Segundo Mantoan (2003, p.19) a inclusão escolar “[...] prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular.”

O mote da inclusão [...] é não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar. As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturada em função dessas necessidades (MANTOAN, 2003, p. 19).

As crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade nunca foram de fato excluídas da sala de aula comum, podendo se matricular nas escolas de ensino regular, diferentemente de crianças com deficiências, porém devido as características que manifestam no seu comportamento, muitas vezes são de certa forma deixadas de lado, o que prejudica o seu desenvolvimento, é nesse sentido que abordamos a inclusão nessa pesquisa. Atualmente o TDAH vem sendo reconhecido como um transtorno que afeta o aprendizado das crianças, tendo sido inclusive criada uma lei que garante o direito das crianças acometidas por ele. A lei nº 14.254 de 30 de novembro de 2021 institui que:

Art. 2º As escolas da educação básica das redes pública e privada, com o apoio da família e dos serviços de saúde existentes, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes no território, de natureza governamental ou não governamental. (BRASIL, 2021)

Além do cuidado e proteção destacados no Art. 2º, a lei nº 14.254 ressalta quanto a aprendizagem das crianças com TDAH, o direito ao acompanhamento integral, não só nas escolas, mas através de outras políticas públicas existentes:

Art. 3º Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território.

Art. 4º Necessidades específicas no desenvolvimento do educando serão atendidas pelos profissionais da rede de ensino em parceria com profissionais da rede de saúde. (BRASIL, 2021).

Essa é uma conquista a ser comemorada, pois dá mais respaldo para os professores realizarem propostas de educação inclusiva visando também as necessidades dessas crianças. Outra lei que beneficia a inclusão das crianças com TDAH é a lei nº 14.420 de 20 de julho de 2022 que institui a Semana Nacional de Conscientização sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, dado o pouco conhecimento das pessoas sobre o transtorno:

Art. 1º Fica instituída a Semana Nacional de Conscientização sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), a ser realizada no período que abrange o dia 1º de agosto de cada ano.

Art. 2º A Semana Nacional de que trata o caput deste artigo tem por objetivo promover a conscientização sobre a importância do diagnóstico e tratamento precoces em indivíduos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). (BRASIL, 2022).

Pensando na alfabetização dessas crianças, que práticas inclusivas os professores podem planejar e realizar para favorecer essa aprendizagem? De acordo com Muszkat, Miranda e Rizzutti (2012, p. 67) crianças com TDAH perdem o interesse mais rápido que crianças sem o transtorno, talvez por conta da agitação ou pela dificuldade em manter o foco em algo que considerem desinteressantes, isso as faz buscar algo mais divertido mesmo sem concluir a atividade que tenha sido iniciada antes, “Pela dificuldade na gratificação mais tardia, as crianças com TDAH são menos

sensíveis a reforços e atraídas a atividades nas quais existe uma recompensa imediata.”

Fitó ressalta que, para a plena realização de práticas inclusivas que favoreçam a aprendizagem dessas crianças nas escolas, é importante que o professor:

- Não tome o comportamento da criança como algo pessoal.;
- Entenda que existe um problema médico e que a melhora não depende da vontade da criança.;
- Compreenda que castigos constantes ou a humilhação em público não ajudam.;
- Estabeleça um contato estreito com os pais e obtenha informações sobre os profissionais que atendem a criança (FITÓ, 2012, p. 101).

Uma estratégia inclusiva destacada por Ferreira (2019) são os “trabalhos em dupla ou em grupos pequenos” pois eles “proporcionam referenciais comportamentais para os alunos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade”. De acordo com a especialista em inclusão Regiane Silva citada por Ferreira:

“A importância da convivência é igual a de qualquer outra pessoa. Nós somos seres sociais, então não só para crianças com TDAH, mas para todos os alunos é importante estar em um ambiente de convivência e, de preferência, um ambiente diverso”. Nessas condições, as crianças desenvolvem a percepção do próprio espaço e do espaço dos outros (FERREIRA, 2019).

Cardoso destaca que:

Não há técnicas ou abordagens pedagógicas milagrosas que façam desaparecer o TDAH, porém, servem para melhorar o nível de atenção do aluno para que possa obter progresso nas produções escolares e nas interações sociais, servindo não como um remédio onde os sintomas serão curados, mas sim como óculos que ajudará ao aluno a enxergar o melhor jeito de pensar e atuar em situações do contexto de sala de aula. Portanto, as estratégias educacionais servirão de ancoragem para os comportamentos que caracterizam o TDAH, podendo estar melhor administrados (CARDOSO, 2009, p. 252).

Diante disso, trazemos na tabela abaixo algumas estratégias destacadas por Teixeira (2019, p. 93) que os professores podem adotar em sala de aula para melhorar a “capacidade atencional e diminuir os prejuízos decorrentes de comportamentos hiperativos, facilitando, assim, a aprendizagem”. O autor destaca que essas estratégias podem contribuir no aprendizado de todos, beneficiando não só alunos com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, mas também crianças que não tenham nenhum problema cognitivo.

Quadro 2 – Estratégias a serem adotadas em sala de aula

Dicas para os professores
<p>1. Estabeleça rotinas: Mantenha a sala de aula organizada e estruturada [...]; 2. Crie as regras da sala de aula: Regras claras e objetivas ajudam na manutenção da disciplina em sala de aula [...]; 3. Agenda escola-casa: [...] pais e professores poderão manter um canal de comunicação para saber como está a criança [...]; 4. Sentar na frente na sala de aula: [...] Isso irá facilitar o controle e manejo de comportamentos inadequados, além de permitir que o professor faça intervenções ou elogie boas atitudes desse aluno; 5. Matérias mais difíceis no início da aula: [...] todos os estudantes estão mais descansados e mais aptos à aprendizagem no início do horário letivo [...]; 6. Pausas regulares: [...] permitir pausas regulares entre as atividades é uma conduta importante para que os alunos possam relaxar por alguns minutos; 7. Ensine técnicas de organização e estudos: [...] o professor pode exercer um papel importantíssimo no estabelecimento de técnicas de organização para favorecer o estudo em casa; 8. “Tempo extra” para responder às perguntas: [...] lidando com um aluno que apresenta dificuldade no controle da atenção [...] que se conseguir um tempo extra, pode atingir os objetivos propostos pelo professor. [...]; 9. Questione sobre dúvidas em sala de aula: [...] Isso ajudará na assimilação de conceitos e favorecerá a atenção do aluno; 10. Estimule e elogie: [...] Elogiando e estimulando seu esforço, o aluno se sentirá valorizado, sua autoestima será protegida e teremos grandes chances de observar um crescimento acadêmico. [...]; 11. Premie o bom comportamento em sala de aula*: [...] Essa estratégia visa a estimular que comportamentos assertivos sejam potencializados e o interesse pelos estudos aumente, promovendo a melhoria do desempenho acadêmico de todos. [...]; 12. Traga a aula para o dia a dia do aluno: [...] a contextualização da matéria ensinada pode ser uma boa alternativa para atrair o interesse do aluno. [...]; 13. Seja empático: [...] O professor pode ser um excelente modelo de comportamento para seus alunos [...]; 14. Dividir trabalhos por partes: [...] ensiná-los a dividir em várias etapas pode ser uma grande estratégia para facilitar a resolução e a conclusão, tornando o trabalho menos cansativo; 15. Agenda e lista de atividades diárias: [...] ensiná-los a utilizar uma agenda ou uma lista de atividades diárias pode auxiliar muito na organização e no planejamento de seu tempo; 16. Leitura sobre os transtornos comportamentais; 17. Seja assertivo: [...] caso a crítica seja necessária, converse separadamente com o aluno para evitar expor suas dificuldades acadêmicas e comportamentais aos outros estudantes; 18. Esteja alerta e antecipe problemas: [...] O professor pode se antecipar e combinar que apenas será permitido que o aluno se levante da carteira após os exercícios terem sido concluídos e com sua autorização Lembre os alunos sobre o comportamento esperado para essa ou aquela atividade em sala de aula; 19. Faça contato visual: [...] Dessa forma os estudantes estarão mais alertas e atentos às suas orientações e ensinamentos; 20. Utilize a internet: [...]; 21. Estimule a prática de esportes:</p>
<p>*Sugestão de premiação escolar: Ser o “ajudante” do professor; Apagar o quadro; Escrever no quadro; Escrever no quadro; Buscar equipamento para a aula; Sair para beber água; etc.</p>

Fonte: TEIXEIRA, 2019, p. 94-101.

Podemos observar na tabela acima que são variadas as estratégias que podem ser utilizadas como apoio nas práticas em sala de aula, dentre elas a busca pelo conhecimento acerca do transtorno por parte dos professores, vale ressaltar que essa deve ser vista como uma das principais, a lei nº 14.254 traz inclusive respaldo quanto a capacitação dos professores para lidarem com crianças com TDAH, levando em conta o pouco conhecimento que muitos ainda tem sobre este.

Art. 5º No âmbito do programa estabelecido no art. 1º desta Lei, os sistemas de ensino devem garantir aos professores da educação básica amplo acesso à informação, inclusive quanto aos encaminhamentos possíveis para atendimento multissetorial, e formação continuada para capacitá-los à identificação precoce dos sinais relacionados aos transtornos de aprendizagem ou ao TDAH, bem como para o atendimento educacional escolar dos educandos. (BRASIL, 2021).

Portanto, é a partir da busca pelo conhecimento sobre o transtorno, suas características, da conscientização do problema e das dificuldades que este pode resultar no processo de aprendizagem das crianças acometidas por ele, que os professores podem buscar mudar sua perspectiva quanto a eles. A partir dessa mudança de perspectiva, os professores podem em sua prática pedagógica utilizar de práticas inclusivas, estratégias como as apresentadas nessa pesquisa e em livros que abordam o tema, contribuir na alfabetização dessas crianças, garantindo assim o direito destas ao pleno desenvolvimento de suas aprendizagens, dado que de acordo com a LDB nº 9.394/1996.

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: XI – alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos (incluído pela lei nº 14.407 de 2022).

Art. 22º A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Parágrafo único. São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores, como requisitos essenciais para o cumprimento das finalidades constantes do **caput** deste artigo (incluído pela lei nº 14.407 de 2022). (BRASIL, 1996 – grifo do autor).

Podemos concluir, a partir dos dados apresentados nesse capítulo, que o processo de aprendizagem das crianças com TDAH requer de fato uma atenção mais detalhada por parte dos professores, é preciso que, como docentes, busquemos sempre ter um olhar observador quanto as crianças, sem o pré-julgamento quanto as suas atitudes devido à um comportamento mais desafiador, quando hiperativo, ou “desinteressado”, quando desatento, perceber as dificuldades apresentadas pelas crianças, para que isso não interfira em seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, práticas inclusivas, e o conhecimento do transtorno tem papel fundamental na contribuição do processo de alfabetização e letramento dessas crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nessa pesquisa compreender o processo de alfabetização e letramento de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, adotando para tal a pesquisa bibliográfica e documental a partir de documentos, livros e artigos que abordam a temática. Diante desse objetivo a pesquisa dividiu-se em quatro objetivos específicos: conceituar e caracterizar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH; descrever como se dá o processo de aquisição da aprendizagem da leitura e da escrita; exemplificar as funções superiores que são requeridas na alfabetização; e refletir sobre as práticas inclusivas na sala de aula comum e sua contribuição na alfabetização e letramento de crianças com TDAH.

No primeiro objetivo buscamos conceituar e caracterizar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, a fim de melhor esclarecer para os leitores dessa pesquisa o que é esse transtorno que acomete tantas crianças atualmente. A partir das leituras feitas para a elaboração dessa pesquisa utilizando de referências que se complementaram podemos trazer definições claras e características que se apresentam no comportamento dessas crianças. Reforçando que o transtorno afeta o comportamento e conseqüentemente a aprendizagem, mas que não existe comprometimento cognitivo da criança por causa do transtorno.

O segundo objetivo tratou de descrever de forma clara e simplificada como se dá o processo de aquisição da aprendizagem da leitura e da escrita, não nos aprofundamos em todas as fases do processo de alfabetização, pois trata-se de um processo complexo, mas descrevemos as principais características do processo, que acontece de maneira evolutiva, porém não uniforme, elucidando o fato de que este requer práticas pedagógicas de letramento que busquem desenvolver nas crianças conforme cada fase esta se encontra, a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, a apropriação desse sistema, a consciência fonológica e o conseqüente aprendizado da escrita e da leitura.

No terceiro objetivo buscamos exemplificar as funções superiores que são requeridas na alfabetização, porém sempre destacando que não só do desenvolvimento cognitivo delas depende a aprendizagem, ressaltamos o impacto destas na aprendizagem das crianças com TDAH, ressaltando que apesar dos déficits enfrentados por essas crianças, não se pode pensar a aprendizagem só a partir disso, mas em todo o contexto que ela se encontra, uma criança bem alimentada, que tem

uma família envolvida em seu processo de aprendizagem, professores capacitados que buscam inclui-la e desenvolver práticas pedagógicas que propiciem melhor seu aprendizado, uma escola que tem recursos disponíveis, todos esses fatores são importantes no processo de aprendizagem.

O último objetivo requeria reflexões sobre as práticas inclusivas na sala de aula comum e sua contribuição na alfabetização e letramento de crianças com TDAH, para tal buscamos apresentar conceito de inclusão, apresentar as leis que abordam o TDAH no contexto escolar, e ressaltar a importância do papel do professor nessa inclusão, além da contribuição desta na aprendizagem da leitura e da escrita. Portanto, consideramos que todos os objetivos propostos foram alcançados, foi possível a partir da pesquisa bibliográfica e documental alcançar resultados suficientes em termos de conhecimento para uma boa discussão acerca do tema, que nos levam a compreensão do processo de alfabetização e letramento de crianças com TDAH.

Concluimos a partir dos conhecimentos alcançados que o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade ainda precisa ser mais estudado, ser incluído por exemplo na formação inicial dos professores e abordado continuamente nas formações continuadas, dado que é um transtorno que possui impacto relevante na vida escolar dos acometidos, pensar estratégias de inclusão e de alfabetização para crianças com esse transtorno também é necessário, já evoluímos um pouco com as leis federais 14.254/2021 e 14.420/2022, porém sabendo o peso da alfabetização em toda a vida escolar é preciso esse olhar especial quanto a esse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. L. N; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: olhando para o futuro da aprendizagem. Brasília: SESI/DN, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTOSZCZYSZEN, S. **O que pensam os professores e profissionais da equipe de avaliação sobre o diagnóstico e as práticas de alfabetização de crianças com TDAH**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR: [s.n], 2016. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/869>. Acesso em: 09 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 09 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 225, 01 jan. 2021. Seção 1, p. 5.

BRASIL. Lei nº 14.420, de 20 de julho de 2022. Institui a Semana Nacional de Conscientização sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 137, 21 jul. 2022. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B.; NAME, C. Linguagem: das primeiras palavras à aprendizagem da leitura. *In*: LENT, R. *et al.* (Org.). **Ciência para educação**: uma ponte entre dois mundos. São Paulo, SP: Atheneu, 2017. p. 119-131. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2022/03/Ci%C3%Aancia-para-educa%C3%A7%C3%A3o-uma-ponte-entre-dois-mundos.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.

CARDOSO, D. M. P. O fazer pedagógico diante do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade no contexto escolar. *In*: DIAZ, F. *et al.* (Org.). **Educação Inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 245-254.

CONSENZA, R. M; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011. 151 p.

COSTA VAL, M. G. O que é ser alfabetizado e letrado? *In*: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 18-23. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

FERREIRA, L. Déficit de atenção: professores podem fazer a diferença. **Nova escola**, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16022/deficit-de-atencao-professores-podem-fazer-a-diferenca-na-aprendizagem>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FITÓ, A. S. **Porque é tão difícil aprender?: o que são e como lidar com os transtornos de aprendizagem**. São Paulo: Paulinas, 2012.

LACERDA, E. F. **Percepção dos professores sobre o TDAH e as consequências no processo de alfabetização de crianças**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16176/1/EFL11092014.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2022. *E-book*. ISBN 9788597026580. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MUZKAT, M.; MIRANDA, M. C.; RIZZUTTI, S. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. São Paulo: Cortez, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics**. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SEVERINO, J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2021.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.

TEIXEIRA, G. **Desatentos e hiperativos: manual para alunos, pais e professores**. 7. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2019.

VASCONCELOS, J. S. L.; FELIZARDO, J. E. A. Alfabetização e a inclusão das crianças com TDAH: Os desafios e as possibilidades. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**

v.14, n. 53, dez. 2020. p. 64-71. Disponível em:
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2840>. Acesso em: 08 nov. 2022.